

# Do lusco-fusco

José Alberte Corral Iglesias



BAÍA EDICIÓN

*Agradecimentos:*

*Isaac Alonso Estravis,  
António Gil Hernández  
Carlos Garcia Garrido  
Mário Herrero Valeiro*

*Dedicatória*

*A todos os homes e mulheres que onde quer luitárom,  
morrerom, e luitam pola liberdade e a dignidade dos  
assovalhados.*

Nom é doado fazer um prólogo a Corral para este manhuço de contos, sem esquecer os vencelhos pessoais que nos jungiram, há já umha chispa de anos, na aventura da Agrupação O FACHO. Por isso, queira-se que nom, umha grande parte do que me atrai destes contos som, precisamente, os meus próprios relembrs e as minhas percepções sobre o mundo no que andávamos.

Dizia o escritor Mário Cláudio que, com o passo do tempo, como se sabe, a nação de cada um de nós se vai restringindo nos limites do sonho que cada quem leva desde que foi neno; e imos construindo o futuro cada vez mais perto de nosoutros até rematarmos em nós mesmos.

O mágico e mítico território de Monte Outo converte-se, assim, no sonho que leva consigo Corral desde que foi cativo, e todos os contos cos que nos agasalha agora obrigam-nos a olharmos dentro de nós, na procura dos nossos próprios sonhos e, deste jeito, reatoparmos o tempo no que, noutros territórios, também nós fomos cativos e, logo, moços, como foi Corral.

Há, nos contos do lusco-fusco, da luz e das sombras, um anseio insatisfeito de liberdade e toda umha teoria vital da resistência, seja onde for, Chile, Argentina, Espanha,..., no procura da libertaçom dos homes e dos povos, das ideias e dos comportamentos. As personagens, entom, excedem da sua peripécia e projectam-se no mundo dos símbolos e dos mitos, que é o mundo no que a literatura acada os seus melhores, ou únicos objectivos.

Esse território que imos reduzindo ao sonho que se leva é, também, o território onde se formam palavras como *pátria*, *naçom*, *povo*, e, em definitiva, *arrabalde*, *lugar*, *bairro*, em resumo, *Monte Outo*, como lugar próprio do narrador, transcendido à sua vocaçom de mito.

Assim, todos vivemos no *Monte Outo* de Corral e todos continuamos a viver nesse nosso território do sonho que levamos connosco; desde o bairro no que, há umha chisco de anos, jogamos à bilharda ou ao ché. Gracinhas Corral.

J. L. RODRÍGUEZ PARDO

*Na Corunha, abril do 2.001*

. I .  

---

Nom fomos muitos ao enterro do senhor José, colhera o mal do tope que o levou aginha. Foi-se como vivera, calado e sem fazer balbordo algum; só umha vez na sua vida se figera notar, segundo lhe ouvira aos meus pais numha dessas conversas que se tenhem polo baixinho e descrevem algo inconveniente para os pícaros. Do resto, todo o mundo o tinha como o que realmente era, um bom home, sempre fazendo carantonhas aos pequenos quando íamos pola sua sapataria. Gostava de criar canários para nos meioar despois com eles aos nenos. Lembrome daquél verdi-amarelo, mui cantareiro, que me regalara quando aprovei o ingresso no Bacharelato, além da gaiola de arame e madeira construída por el mesmo, mui jeitosinha. Ainda hoje a conservo no faiado, som cousas para nom esquecer.

Casara tarde, com umha mulher que trabalhava de criada na casa do advogado Lugris -de muita sona naqueles anos-. Ela já nom era umha rapazola, mas tinha algo importante para aquele home, era gavejeira e nada latriqueira. Ao passar algum tempo, Lúcia, que assim se chamava a boa da senhora, estava com as contracções do parto; eram tempos difíceis, ainda havia

pouco que terminara a guerra. Daquela paria-se, na maioria dos casos, nas casas e aquele nom se apresentava bem. O senhor José acudiu na procura do médico que vivia nom mui longe, a um quarto de hora andando a bom ritmo; pediu-lhe que se achegasse atender a parturiente e este respondeu-lhe que iria quando acabasse de jantar, pois estava de aniversário; o sapateiro regressou acarom da sua mulher, a pobre estava passando por um inferno, as vizinhas pouco podiam fazer, nem a senhora Elisa que dedicava a sua vida a ajudar a traer os nenos ao mundo. Ainda tornou à consulta duas vezes na demanda de ajuda, tendo sempre a mesma resposta... Nestas, tanto a mulher como o que vinha deixaram para sempre de sofrer. Tam aginha aconteceu a desgraça, o sapateiro foi à cozinha e de ali a um pouco, achegou-se de novo casa do médico, perguntou por ele, ouviu dizer entre gargalhadas “já está aqui esse...”; entrou, e espetou-lhe no coração três cuiteladas; depois ele mesmo foi-se entregar à polícia.

Eu conheci-no quando ia com o meu pai pola sua sapataria. Já estava livre, depois de ter passado uns quinze anos na cadeia.

. I I .

---

Era a hora do lusco-fusco; a cativa luz fazia jogo aos medos e á galerna, aparecera havia quatro dias e chovia com tal força que era como se os demos ou os deuses quigessem mostrar a sua carragem, o seu ódio. Segundo a rádio e a televisom tinham comunicado, nom se lembrava desde muito tempo umha borrasca como aquela. A marusia fazia brincar as ondas por enriba do dique de abrigo; no seu peirao dous velhos marinheiros tentavam reforçar as estachas das embarçaons. Os barcos vinham de arribada à procura de abeiro naquela pequena ria que nascia como milagre no meio de uns alcantis graníticos e bravios naquela costa cheia de cons mergulhados baixo as águas; definindo-a o seu próprio nome: A Costa da Morte. Até o velho André, que saía à améijoa ainda com o mar arrebolado para fazer uns pesos mais sobre o normal das marês, regressara.

A trevoada, em rafaladas furacanadas, batia com fogagem de possesso todo aquilo que se mantivesse em pé, era umha luta entre a verticalidade da vida e a horizontalidade da morte. O vento furava o silêncio num fungar com o que arrepiavam até os cans; era o dono das casas, das estreitas e encostadas ruas

daquela pequena vila entalada entre a beira-mar e as montanhas. Naquele instante, a aldeia era como umha ínfima partícula de pubilha baixo as zorregadas de corisco e saraiva vomitadas polos céus; a chuva geada era umha fervença aberta desde aquelas escuras nuvens, enchoupava de tal jeito que adería as roupas embebidas aos corpos quando alguém se aventurava sair das casas.

De súpeto, sem saber como, mulheres, velhos..., e algumha que outra rapariga aparecem nos arcados da praça que rodeia o doco do pequeno porto, no que descansa toda a vida da aldeia; sem falar sequer entre eles encaminham-se cara o bico do espigom que protege a pequena dársena; baixo os cuspiços da trevoada, as queivancas cheias de croios e cascalhos faziam esvarar os pés. O “María Amelia” mais o “Cinco Irmãos” nom tinham chegado, perdera-se todo contacto com eles desde havia vinte horas.

Muitas daquelas mulheres choravam com tanta dor que até os penedos da serra abrolhavam báguas de piedade. Algunhas daquelas mulherinhas acochavam ao seu carom, tremosos e agarradinhos às pretas saias, as crianças. Aquilo nom era umha borrasca; era a mesma morte, que, como sempre, vinhera encher de angúria a vida daquela boa gente. Mais outra vez o mar e o céu mostravam-se inimigos dos pobres. Embarcados nos dous bous fora-se quase toda a mocidade daquela pequena vila marinheira.



. III .  

---

*Et par le pouvoir d'un mot  
Je recommence ma vie  
Je suis né pour te connaître  
Pour te nommer*

Paul Eluard

Necessito-te, chamo por ti desde esta escuridade, em cada intre da minha existência, sonho que agromaras como vermelha papoula e todo é-me mais aturável. Sei-no, sei que te alcançarei. Nom me perguntes, sei-no e avonda.

Acima, pola pequena luzeira, alvisco a claridade do mencer, entra devagar, amodinho, como se nom quigesse espertar. A luz sempre é mais formosa no seu nascer..., às vezes penso que é a única beleza que nos deixárom: os roivéns e os lubricáns abraiam-me, sempre som novos e diferentes. Que nom saibam desta formosura!, roubariam-no-la como figérom com todo; para eles só tem sentido o dinheiro e o poder. Todo no-lo saqueiam, a mocidade, a inteligência, a vida..., só ossos e músculos nos deixam, ossos para aturar e músculos para trabalhar...

Lembro-me como se o estivesse fazendo agora mesmo; ela já estava na cozinha havia um bom pedaço, aguardava por mim para me dar o almoço... Sai da casa, levava o compango na velha tarteira. com a friagem caminho de pressa cara a paragem do autocarro...

Alto ou disparo!, disparou o mui filho da puta, depois os moquetes, os balouços, as patadas, o interrogatório... Agora aqui.

Ouçõ os passos, sempre venhem olhar polo buraco da porta depois do toque do cornetim; e som filhos da mesma mae...! da fame..., porcos...!

Apesar de todo, acadarei-te, sei-no. Todos nós, os párias, faremos-te nossa e jamais nos abandonarás:

Liberdade.